

# sobre tudo

## PEGA NA MENTIRA

Cristiane Seimetz

Depois de uma certa idade, que eu não sei exatamente qual é, todos sabemos que não é legal mentir. Ainda pior, é admitir que mentiu. E por isso a mentira é um assunto que deixamos de lado: fingimos que tudo quanto sai de nossas bocas é a mais pura verdade. Mas a verdade mesmo, é que eu minto, você mente, todo mundo mente. E na maioria das vezes, nem é por mal. É aquela mentirinha para evitar uma vergonha: “Não fui eu que peidei não, foi o cachorro”; para evitar uma chateação “O ônibus quebrou, por isso me atrasei uns minutinhos!”; para não magoar alguém “Seu novo corte de cabelo ficou ótimo!”; para não magoar a si mesmo “Nem ligo para a opinião dos outros!”; para evitar uma indigestão: “Ah, vovó, seu bolo está maravilhoso, mas eu já tenho que ir embora, não vai dar para comer a quarta fatia, não!”.

Mas não importa se é bem intencionada, pequerrucha, ou até mesmo uma mentira sem muita consciência do que é a mentira, pois, quando somos pegos faltando com a verdade, a reação das pessoas costuma ser, para dizer o mínimo, de revolta. Compreensível. Afinal, como confiar novamente no amigo, no irmão, na tia, no vizinho, na aluna, que foi flagrado em tal delito? Não é fácil, não é? Mas essas moralidades a gente aprende depois de ter sido apanhado no pulo. Eu, pelo menos, aprendi assim, no susto. Tenho vívida na memória a

expressão da minha professora da pré-escola quando me pegou em uma grande mentira. Já adianto que foi uma mentira cabeluda, da qual não me orgulho, mas que, uma vez explicadas as razões para a dita, espero encontrar entre meus leitores maior empatia que a da professora estupefata me encarando com olhos muito arregalados.

Antes de tudo, preciso esclarecer que conto o fato com os olhos interpretativos da adulta que sou sobre as ações e sentimentos da criança que fui. A criança que fui era calada, introvertida, solitária, carente da atenção de quem quer que fosse. Não sei se naquela época, com uns cinco anos, eu já tinha muita noção sobre o que era a mentira. Mas com certeza tinha farta imaginação, dada a história que inventei. Que história inventei? A de que meu pai, coitado, havia falecido em um acidente de moto. Lembro de alguns detalhes da história que narrei às professoras. Não recordo, contudo, se as contei espontaneamente, ou se respondendo às perguntas da plateia interessada em preencher as prováveis lacunas no meu relato.

Pois bem, lembro, por exemplo, de ter dito que a moto era emprestada - afinal, até aquele momento, o único meio de transporte sobre rodas de que meu pai dispunha era uma bicicleta -; que chovia no momento do acidente; que minha mãe e meu irmão estavam bem - não havia caroneiro em minha história; já é bastante coisa “matar” o pai, né -; que o funeral foi realizado com um caixão fabricado pelo meu avô, pai do meu pai - meu avô paterno não tinha relação alguma com funerárias ou fabricação de caixões, até eu gostaria de lembrar por que inventei essa parte, em específico. O motivo de fundo para tamanha papagaiada foi a chegada de uma aluna nova, que recentemente ficara órfã de pai e, assim, tomando para si toda a atenção e carinho das professoras da pré-escola. Invejei, óbvio. Queria aquela atenção para mim também, e fui à luta: fabulei a morte de meu pai.

As professoras acreditaram em meu relato. Por que acreditaram? Penso que mais pela incapacidade de cogitar que uma criança de cinco

anos seria capaz de tamanha imaginação do que pela qualidade da narrativa em si. Como resultado, tive um dia inteiro de adulações e chamegos. Estava no céu. Porém, como diz o ditado, mentira tem pernas curtas. Isto é, não vai longe. E a minha caminhou só até o horário da saída na escola, quando, como de costume, meu irmão foi me buscar.

Lá chegando, imagino que foi chamado de coitadinho, recebido com cafunés e tapinhas nas costas. Quando perguntado sobre se estava muito mal com a perda recente do pai, deve ter feito cara de quem teve uma surpresa ruim. “Que perda?” ou “meu pai está muito bem”, suponho que tenha sido a reação dele. Eu estava focada na cara da professora, e lembro-me muito que bem dessa cara, fecho os olhos e ainda vejo, não o rosto ele mesmo, e sim a reação visível nos olhos e músculos faciais dela. Acho que é minha primeira memória de uma pessoa com tamanha estupefação no rosto. Quando abriu a boca, não lembro das palavras exatas que ela usou, lembro apenas do tom. Foi severo, foi indignado. Não lembro de ter havido reprimendas em casa. Nem precisava.

Desde aquele dia, quando eu chegava com uma nova história para contar, ela me olhava no branco e preto dos olhos e dizia: “você sabe que é muito feio mentir, não sabe?”. Nunca mais a confiança foi restabelecida. Saí da educação infantil sabendo que mentir, mesmo por aquilo que julgamos ser uma boa causa, pode trazer resultados desastrosos. A verdade, claro, é que não parei de mentir. Mas passei a escolher muito melhor o momento e o tamanho da mentira, pois, vejam bem, sempre há um atraso inofensivo aqui e um pum perdido ali, não é mesmo?

\* Texto produzido inicialmente com propósito pedagógico, para ser lido com os estudantes das turmas de sétimo ano em 2022.

## NOTAS DE AUTORIA

**Cristiane Seimetz** é graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (ano). Possui Doutorado em... Atualmente é docente de Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação da UFSC.

Contato: [cris.seimetz@gmail.com](mailto:cris.seimetz@gmail.com)

### Como citar esse texto de acordo com as normas da ABNT

SEIMETZ, Cristiane. Pega na mentira. [Sobre Tudo](#), v. 13, n. 1, p. 192-196, 2022.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da [Revista Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

## **Histórico**

Recebido em: 22 abril 2022

Aprovado em: 29 jun. 2022

Publicado em: 31 jul. 2022